



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2021

PRODUÇÕES DISCURSIVAS SOBRE O NEGRO SERTANEJO: O RACISMO ESTRUTURADO ENQUANTO LINGUAGEM: FEIRA DE SANTANA, 1910- 1940

Sirlene Pereira Bispo¹; Clovis Ramaiana Moraes Oliveira²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduanda em Psicologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: sirlenebispo1@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: clovisramaiana@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: racismo; linguagem; sertanejo.

INTRODUÇÃO

Klempere (2009) produziu uma rica analogia entre veneno e linguagem. Alimentada por acervos de palavras portadoras de peçonhas, a linguagem viraria uma máquina de morte, ainda que as personagens que a consumissem não se dessem conta daquilo que estava acontecendo. Guias da ação humana, camadas de sentidos que dão forma à comunicação, inclusive na forma de memória, língua e linguagem seriam compositoras de paisagens humanizadas e organizadoras das formas de imaginar, lembrar, sonhar. A atividade humana, é expressada por elas e traz, como marcas de uma caminhada, os limites dados pelos conjuntos de palavras e possíveis elocuições oportunizadas.

A organização da linguagem é uma forma de estruturar aquilo que podemos chamar de real, fenômeno palpável e controlador de travessias de gentes. Em texto muito conhecido, Marx e Engels (2007) afirmam que a consciência é um produto social, artefeta a partir de tensões, disputas, práticas hegemônicas. A língua não é neutra e traz em si o sal da estrada, as marcas de experimentos de dominação e de resistência.

A formação social da linguagem se dá a partir de relações com palavras, objetos, travessias, algo como um mergulho em temporalidades recheadas de tons e sons distintos. São escutados ecos de vozes distantes, o ressoar daquelas mais próximas, gemidos daqueles que foram perdidos na noite dos tempos, de outros que sofreram torturas. Alguns sintagmas, tornados mais fortes pelas falas dos dominantes, circulam descensurados, outros são negados, silenciados.

O palavreio que circula sem interdições, e não é objeto de práticas de censura, divulgado em órgão públicos é tornado paisagem linguística. Palavreio que é virado em acervo, lugar comum, vira patrimônio. Perseguiu aqui uma forma privilegiada de envenenamento, aquela que lança o estigma do racismo sobre as gentes negras, prática de linguagem que, a um só tempo, desumaniza as pessoas pretas e naturaliza a desumanização. Aqui escolhemos um corpus específico, o acervo jornalístico do Museu Casa do Sertão, nele, optamos por nos ater aos jornais de Feira de Santana. O estudo objetiva analisar produções

de sentidos sobre o negro sertanejo em jornais da cidade. Para isso busca discutir materiais que versem sobre representações discursivas em relação aos negros; analisar os paralelos entre racismo e linguagem e explorar a imagem do negro sertanejo enquanto possibilidade de construção de uma linguagem antirracista.

METODOLOGIA

O trabalho se debruçara sobre jornais produzidos em Feira de Santana entre 1910 e 1940 levantando materiais discursivos que versem sobre o negro. Também faz uma incursão em outras produções discursivas, como crônicas, poesias, romances e livros de memórias. O ponto de partida é destacar quais palavras eram usadas na documentação para fazer referência aos negros. Uma vez encontradas as palavras, será investigado os sentidos delas, fazendo uma exploração dos sintagmas, algo como a “escovação” imaginada por Barros (2018). Passada a escova, o trabalho seguirá a caminhada com a juntada do palavreiro em grupos de sentidos.

Marchando na contramão do palavreado de jornais e livro - ou fazendo uma exploração a contrapelo, ao gosto de Walter Benjamin -, buscará reconstruir imagens dos sujeitos negros transformados em personagens de intervenções jornalísticas e memorialísticas, objetivando produzir traços biográficos de gentes que fizeram o sertão na labuta contra as escravidões do racismo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No Brasil, pelo menos desde as contribuições de Nina Rodrigues, é corriqueiro, quando se discute raça e/ou racismo, se atribuir o debate uma questão do negro. A branquitude elabora imagens sobre sujeitos negros, ficciona o viver das gentes de cor, projeta sobre eles os medos, as frustrações, as longas cadeias de culpas pelo colonialismo – sequestros, assassinatos, estupros, redução dos corpos negros a máquinas econômicas.

Bento (2002) é uma das responsáveis por implicar o branco na discussão sobre o racismo, através dos estudos sobre branquitude e branqueamento a partir dos anos 2000, desloca o lugar do branco, trazendo-o para o centro do problema. Até então era costume ser dado destaque a questão da negritude enquanto problema, sinônimo de criminalidade e degenerescência, como por exemplo os estudos de Nina Rodrigues (2008) e toda sua escola.

Traçando um diálogo com Sodré (2002), percebemos que a centralização do homem é própria da metafísica moderna, nela, o sentido ganha força universalista e confere poder cultural. A concepção de homem vem nesse sentido, onde a divisão espacial empreendida pelo ocidente cria uma noção de “humano universal”, tendo como modelo o homem europeu, logo podemos pensar na existência do “inumano”, aquele que fica nas margens, a personificação da outridade. Sobre a criação desse “outro”, Kilomba (2019) nos ajuda a entendê-lo enquanto um antagonista do “eu” branco, assim o negro é posto como portador de tudo aquilo que para o branco é insuportável admitir em si mesmo. Nesse mecanismo, que Freud (2010) denominou de projeção, o que existe de ruim no inconsciente é negado e projetado no outro.

O sequestro da possibilidade de humanidade, projetou sobre o sujeito negro rótulos como o de “selvagem”, “rústico”, “preguiçoso”, possuidor de “inteligência rudimentar”, pouco afeito ao “trabalho sistemático”. Enquanto instrumento divulgador do ponto de vista dos

dominantes, a imprensa, grande aliada da burguesia como alertou Benjamin (1987), produziu uma fatura de imagens sobre os pretos e os classificou como “inimigos internos” da modernização e da urbanização da cidade segundo os “preceitos dos centros mais civilizados” (MAGIA..., 1993). Não ficava apenas na sugestão de controle, escribas trabalhavam teses sobre as práticas médicas de negros e negras, classificava-as como charlatanismo; e estabelecia uma cronologia de matriz darwinista social, dizia que a adesão das pessoas de cor à medicina popular era a demonstração dos “retardos de um povo de inteligência rudimentar” (LIMA, 1941).

A obsessão pelo controle das pessoas pretas que animava os jornais se estendia, também, às festas. O jogo semântico de fala de um Eu urbano-civilizado incluía dois marcadores: a ideia de que festejos de gentes pretas mexiam com a ordem da cidade, que os sons de pandeiros e tambores incomodavam o sono das gentes “laboradoras”; e uma questão de classe, de que os festejadores faziam aquilo que o jornal chamava, de forma perjorativa, de “festas de criadas” (DANÇA..., 1934), coisa de pessoas de menor importância e que precisa das ordens da polícia para fazer os festejamentos.

Podemos averiguar em jornais já na primeira década do século XX, notícias com a tônica de repressão às práticas das pessoas negras, em um discurso que naturalizava esses sujeitos como desordeiros e causadores de confusão. O jornal “O Progresso”, de 19 de abril de 1901, noticiava sob o título “PRISÕES EM PENCA” a prisão de Pedro Alves de Almeida, Victorino Araújo da Silva “e mais vinte e tantas pessoas”. A expressão “em penca” nos remete a um pensamento já discutido por Schwarcz (1993) em que aponta o modo como os grupos negros eram considerados nesse período em seu conjunto, apesar de existir na mesma época esforços como os de Nina Rodrigues que pretendia estudar as diferenças e hierarquias dentro dos próprios grupos negros.

O pensamento que coloca o trabalho enquanto instrutivo, organizador da sociedade, é correlato à ideia de modernização que perpassa as cidades naquele momento. Esse pensamento vai recair sobre as pessoas negras de forma cruel, sendo a característica “trabalhador” atribuída ao negro como forma de distinção, separando o negro trabalhador do vadio. Dasmasceno (2011), em importante pesquisa sobre trabalhadoras negras em Feira de Santana, nos mostra como existiu na cidade, por parte dos dominantes, e da justiça, a representação de mulheres pobres enquanto mal ou bem procedidas, e fatores como o trabalho eram fundamentais nessa representação.

Violência, trabalho, criminalidade e vadiagem são grupos de sentidos com os quais são tratados os negros e são possíveis de serem identificados em jornais de Feira de Santana entre 1910 e 1940, e mesmo antes, em período de virada do século. Esses grupos funcionam como camadas de sentido, que tomam forma, por exemplo, através da memória.

CONCLUSÃO

Veneno que mata devagar, a linguagem foi istuciada como forma de organizar um corpo próprio da cidade. Instrumento de um projeto de modernização branqueadora, projetou sobre não brancos os fantasmas da branquitude ou de uma branquitude com marcas sertanejas, uma ficção que fazia de negros e negras sujeitos preguiçosos, pouco afeitos à ordem e incapazes de compreenderem as abstrações do mundo civilizado (um não dito que os tornariam “imprestáveis” para o trabalho intelectual).

Um sertão que se esforçava para aderir ao mundo civilizado, recalçava aquilo que considerava indigno do mundo benfazejo da civilização, negativava comportamentos que viessem acompanhados dos sons de tambores, silenciava práticas humanas que não recebessem o carimbo de “europeias”. Lançava sobre os negros o que carregava como seu, uma projeção daquilo que se pretendia “curar” com a chegada das “luzes do progresso”. Os corpos pretos eram alvos de remédios brancos, apesar de não terem a doença.

O vocabulário racista naturalizava uma prática política, tornava linguagem uma suposta assimetria natural dos poderosos da Feira sobre os não brancos. Formava o corpus de uma tradição que instituiu o lugar/cidade e, como o fazem as tradições, era mais definida por aquilo que calava/negava do que pelo que intentava dizer.

REFERÊNCIAS

- BARROS, M. Memórias inventadas. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.
- BENTO, M, A, S. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, I; BENTO, M, A, S. (Orgs.). Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002.
- DAMASCENO, K, T. Mal ou bem procedidas: cotidiano e transgressão das regras sociais e jurídicas em Feira de Santana, 1890-1920. Dissertação em História, UNICAMP, 2011.
- RODRIGUES, Nina. Mestiçagem, degenerescência e crime (Tradução de Mariza Corrêa). Lyon, A. Storck & Cie, Imprimeurs-Éditeurs. v.15, n.4, p.1151-1182, out.-dez. 2008.
- DANÇA na Rua do Fogo terminou em sururu. Folha do Norte, Feira de Santana, n. 1.312, p. 4, 8 set. 1934. MCS/ CENEF.
- FREUD, S. Obras completas - O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923- 1925). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: Obras Escolhidas II: Rua de Mão Única. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- KILOMBA, G. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.
- KLEMPERER, V. LTI: a linguagem do terceiro reich. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009. Tradução de Miriam Bettina Oelsener.
- LIMA, Sisnando. Carta Aberta. Folha do Norte, Feira de Santana, n. 1674, p. 4, 9 ago. 1941. MCS/CENEF.
- MAGIA negra. Combate deve ser por trâmites legais. Folha da Feira, Feira de Santana, n.250, p.4, 10 jul. 1993. MCS/CENEF.
- MARX, K; ENGELS, F. A Ideologia Alemã. São Paulo : Boitempo, 2007. Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano.
- SCHWARCZ, L, M. O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, 287p. PRISÕES em penca. O Progresso, Feira de Santana, n.68, p.1, 19 abril, 1901. MCS/CENEF.
- SODRÉ, M. O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira. Salvador: Ed. Imago, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.